

CANTANDO A HISTÓRIA DO BRASIL¹

Carmen Luiza Barzotto²

RESUMO

A música como produção histórico-cultural, nos últimos anos, passou a ser tema de estudo na disciplina de História e a ser incluída nos livros didáticos. Além de conteúdo, muitos autores indicam e transcrevem letras de música como documento histórico ou apenas como referência ao tema em estudo. Para melhor utilização deste recurso, além de ler a letra, ouvir a música e cantar com os alunos, a sugestão neste artigo é para a criação de arquivos digitais multimídia, por professores e alunos, no desenvolvimento de projetos de aprendizagem.

Palavras-chave: Música, Livro Didático, documento histórico, arquivo digital multimídia.

ABSTRACT

The music as a historic cultural production, lately, came to be theme for studying in History and to be included in didactic books. Besides content, many authors indicate and transcribe lyrics as historic documents or only as reference to the study theme. For a better usage of this source, besides the lyrics, listening to music and sing along with the students, a suggestion in this article is to create multimedia digital archives, for teachers and students in the development of projects and learning.

Key Words: Music, Didactic book, Historic document, Multimedia digital archive

1. INTRODUÇÃO

A música como manifestação cultural de um povo ou de uma época é também reconhecida como documento histórico. Representa uma época, identifica um episódio, faz relação com a política ou a economia, representa determinado movimento social, conta a história de um povo, seja pelo estilo, pelos instrumentos musicais utilizados, pela letra de homenagem ou protesto.

Os livros didáticos de História citam ou apresentam letras de músicas relacionadas aos mais diversos fatos históricos. São músicas utilizadas como fonte histórica ou como ilustração do tema.

Para este trabalho foram selecionados cem livros de História do Brasil, destinados a alunos do 1º ano à 8ª série do Ensino Fundamental e alunos de Ensino Médio, aprovados para o Programa Nacional do Livro Didático do Ministério de Educação e encaminhado às escolas para análise e

¹ Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Mídias na educação, Área de Concentração em Tecnologias na Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) **Orientador: Prof. Jorge Luiz Cunha**.

² Pós Graduanda do Curso Mídias na Educação na Universidade Federal de Santa Maria. carmenluizabarzotto@yahoo.com.br

escolha pelos professores. O intuito é o de selecionar músicas relacionadas a fatos ou períodos da História do Brasil e verificar como e com que propósito são indicadas nos livros didáticos e utilizadas nas aulas de História. A proposta neste artigo é de que a música seja utilizada para reorganizar e (re)contextualizar o conteúdo em estudo integrando as músicas selecionadas na criação de arquivos digitais multimídia.

Como recurso didático, a música é utilizada também para interligar conceitos, ilustrando, complementando e enriquecendo as produções digitais. Os recursos tecnológicos utilizados na produção de arquivos digitais possibilitam a formação de espaços de aprendizagem mais ricos, estimulam a pesquisa, incentivam o compartilhamento de experiências, desenvolvem competências individuais e possibilitam o trabalho coletivo e colaborativo.

Da mesma forma emoção e intelecto são mutuamente interdependentes, articulados num sistema dinâmico e significativo. O pesquisador Henri Wallon (1981) considera a emoção como primeira linguagem. A palavra é outra forma de linguagem e talvez a mais marcante no desenvolvimento das funções mentais. Maturana & Varela consideram que a linguagem “modifica de maneira tão radical os domínios comportamentais humanos, possibilitando novos fenômenos como a reflexão e a consciência”. As duas vertentes da música: letra e som (ritmo), aliadas à iconografia e a outras fontes escritas, num processo de produção de conteúdos, são fortes indicativos para uma aprendizagem significativa especialmente se relacionadas a outras formas de linguagem: digital e midiática.

2. DESENVOLVIMENTO

Tradicionalmente, o estudo da História visava o repasse dos fatos e acontecimentos registrados pelos mecanismos oficiais, quase que exclusivamente, sob o ponto de vista dos vencedores ou detentores do poder. Atualmente, uma nova visão de História possibilita a inclusão de uma variedade de fontes históricas, dentre elas, a música. Assim, a música em seus diversos ritmos e estilos passou a ser utilizada por muitos autores de livros didáticos.

Dos cem livros analisados, 76% trazem transcrito a letra de músicas que apresentam algum aspecto da vida política, cultural e social do país ou que simplesmente, aparecem relacionadas ao tema proposto para estudo. Apenas 21% dos livros não fazem qualquer referência à música.

Apesar de não utilizarem a transcrição de letras em 3% dos livros didáticos, a música é tratada como conteúdo. Para os autores José Jobson Arruda em História Integrada – Do fim do século XIX aos dias de Hoje e Antonio Pedro em História da Civilização Ocidental - Geral e Brasil, a música é tema de estudo juntamente com outras formas de expressão artística, como a pintura e o cinema, bem como, a mídia que a veicula. Já Flávio Berutti, Adhemar e Faria Marques, no livro História: Os caminhos do homem - trazem a música como parte dos temas religião e cultura, com

destaque para a negra e indígena. A música é vista como uma produção cultural das artes e da literatura e é tratada como conteúdo.

Das 76 obras que transcrevem letras de música como fonte histórica, 13 trazem a música também como conteúdo. Destacam a vida e a obra de alguns compositores brasileiros, em especial Heitor Vila Lobos e Chiquinha Gonzaga. A cada capítulo da história do Brasil, os livros didáticos trazem como parte do conteúdo, aspectos da produção musical. Quando trata do Brasil Império, por exemplo, destaca que a igreja controlava a produção cultural e primava pela música erudita enquanto o ritmo alegre das músicas indígenas e africanas era coibido. Entre índios e escravos africanos, os que possuíam dons musicais eram selecionados para aprender a música dos brancos e cantar em festas e igrejas. Ao tratar do período da escravidão, destacam a resistência da música africana e a influência que teve na música popular brasileira. Os livros destacam também o contexto em que surgiram as cirandas, o choro, o samba, a valsa, o frevo, a congada, bem como a rejeição ou aceitação dos diferentes ritmos, pela elite social de cada época. Destacam ainda, os movimentos como a Era do Rádio, a Bossa Nova, a Música de Protesto, a Jovem Guarda, a Era dos Festivais, o Tropicalismo, a expansão da indústria fonográfica, a utilização da tecnologia na produção musical nos anos 70 e a explosão da discoteca. De cada movimento musical listam os compositores e cantores de maior sucesso com suas músicas de maior destaque. Nas décadas de 80 e 90 fazem referência a diversidade e a mistura de ritmos: O Rock Nacional, o Reggae, o Funk, o Rap, o Hip Hop, a música sertaneja, o forró, o axé-music e o pagode. Uma característica da produção musical do final do século XX e início do século XXI que não aparece no conteúdo dos livros didáticos é o fato de que, em busca de sucesso rápido, muitas músicas eram compostas por refrões apelativos e com duplo sentido. Associadas a estilos dançantes, estas músicas, muitas vezes, deixavam a desejar em relação à estética e a qualidade (BRANDÃO & DUARTE, 2008, p.145).

Nos temas introdutórios, como a contagem do tempo, a história pessoal de cada educando, a escola e o estudo, alguns livros didáticos transcrevem letras de várias músicas que abordam estes temas. Ao tratar da organização familiar, por exemplo, três autores diferentes utilizam a letra da música **Família**³ composta por Arnaldo Antunes e Toni Bellotto, gravada pela banda Titãs.

2.1- A música em diferentes períodos e temas da História do Brasil

Partindo para temas específicos da História do Brasil, a alegoria que Caetano Veloso faz das grandes navegações portuguesas na música **Pindorama**⁴ aparece relacionada ao descobrimento do Brasil. A marchinha **História do Brasil**⁵, composta por Lamartine Babo para o carnaval de 1934, a música folclórica **Peixinhos do Mar**⁶ cantado tradicionalmente pelos marujos e gravada por Milton

3 -DREGUER & TOLEDO, 2000, p. 119; VESENTINI; MARTINS; PÉCOR, 2009, p. 29; SCHMIDT, 2002, p.50.

4 -BRANCO & LUCCI, 2008, p. 24; MORENO, 1997, p.12.

5 -LIMA & PEDRO, 2002, p. 27.

Nascimento e a música **Bodas**⁶ de Milton Nascimento com Ruy Guerra também aparecem transcritas quando o tema é o Descobrimento do Brasil. Ainda sobre o descobrimento e a ocupação do litoral brasileiro, dois livros transcrevem a letra da música **Notícias do Brasil**⁷ de Milton Nascimento e Fernando Brant. Para deter o avanço português em direção ao litoral Sul do Brasil, o governo espanhol incentivou a formação das reduções Jesuíticas conhecidas como Sete Povos. Este é o tema da música **Tiaraju** de Barbosa Lessa.

Nas missões dos Sete Povos, nasceu um dia Sepé/ Trazendo uma cruz na testa, cicatriz, sinal de fé/ Quando o sol batia nele, esta cruz resplandecia/ Por isso lhe deram o nome Tiaraju, a luz do dia/ Quando o exército de Espanha e Portugal chegou aqui/ Pra expulsar dos Sete Povos toda gente Guarani/ Tiaraju, que era cacique, reuniu seus guerreiros/ E sem medo dos canhões atacou só com lanceiros.[...] (PILETTI & PILETTI, 1997, p.122).

A Música **Chegança** de Antonio Nóbrega e Wilson Freire canta as diversas tribos indígenas que habitavam as terras brasileiras. Outras músicas relacionadas ao tema e transcritas nos livros didáticos são: **Todo dia era dia de índio**⁸ de Jorge BenJor; **Índio**⁹ de Caetano Veloso; **Tu Tu Tu Tupi**¹⁰ de Hélio Ziskind.

A visão deturpada e preconceituosa do índio aparece na música **Baila comigo** de Rita Lee quando expressa o desejo de ser índio para “Ser um bicho preguiça”, poder “Viver pelado, pintado de verde” e “Num eterno domingo”. (MACEDO & OLIVEIRA, 1996. p 34). Os autores propõem que os alunos a comparem com o lamento do índio pelas riquezas naturais perdidas com a colonização na música **Índios**¹¹ de Renato Russo.

Dentre os livros analisados não foram encontradas músicas compostas pelos indígenas, nem como referência, nem como documento histórico. No entanto, hoje é possível encontrar gravações de tribos indígenas. Quem visita, por exemplo, a aldeia indígena Yynn Moroti Wherá ou Águas Limpas ou Claras, em Português, às margens da BR 101, em Biguaçu, na grande Florianópolis – SC, pode adquirir o CD **Nheé Garai Mara Eyn**, na tradução Canto Sagrado Sem Fim, Gravado pelo grupo Nuvens Azuis, com treze canções milenares que conheceram com seus ascendentes da tribo Guarani.

Historicamente, desde 1962 os povos indígenas organizam-se em movimentos de luta por seus direitos à terra. A luta pela posse da terra tem sido muito grande, também nos últimos anos, através do movimento “sem terra”. Maria Raquel Apolinário Melani, no livro da 3ª série do Projeto Pitangüá escolheu a música **Fome come**¹² de Sandra Peres e Paulo Tatit que faz parte do CD **Canções Curiosas: Palavra cantada**. O diálogo, em ritmo de embolada onde vizinhos disputam a propriedade da terra na música **A Cerca** do grupo Skank, parece ser bem adequada. “Meu

6 -MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p. 28.

7 -MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p.53; MELANI, 2006, p. 214.

8 -FERNANDES & SALVADORI, 2004, p. 19; FONSECA & SÍMON, 2006, p. 64; RIBEIRO & ANASTÁCIA, 1996, p. 36.

9 -MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p. 155.

10 -CHARLIER, & SIMIELLI, 2009, p.76.

11 -MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p. 56; MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p. 155.

12 -MELANI, 2005, p.122.

camarada, eu moro aqui do lado/ O terreno que tu cerca, já ta cercado/[...]” (MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p. 27). Outra música apresentada é **Cio da Terra**¹³ de Milton Nascimento e Chico Buarque, mas existem outras que podem ser incluídas pelos alunos e professores, tal como: **O sal da terra** de Jota Quest.

A ocupação do território brasileiro formando uma nação pela composição de três raças é retratada na canção de Cassiano Ricardo intitulada **História para criança**.

[...] Primeiro a manhã indígena/ Saiu da montanha espessa/ Trazendo um cocar vermelho/ sobre a cabeça; / Depois o dia marítimo/ Das velhas naus portuguesas/ Saltou de dentro das ondas/ Qual pássaro branco/ Ruflando a asa enorme/ Das velas retesas;/ E a noite africana por último,/ Que chegou amarrada/ No porão do navio/ Com os seus orixás/ Com seus amuletos [...] (CHARLIER, & SIMIELLI, 2009, p. 63)

Sobre a luta pela liberdade, a escravidão e o preconceito dela advindos, a pobreza e a miséria resultante da abolição diversas músicas aparecem transcritas nos livros didáticos, entre elas: **Liberdade, Liberdades**¹⁴, samba enredo da escola Unidos da Tijuca; **Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão?**¹⁵, samba enredo composto por Hélio Turco, Jurandir e Alvinho; **Mão da Limpeza**¹⁶ de Gilberto Gil; **Zumbi**¹⁷ de Jorge Benjor; **A cor do Homem**¹⁸ de Milton Nascimento e Fernando Brant; **O Haiti, é aqui**¹⁹ de Gilberto Gil e Caetano Veloso; **Revanche**²⁰ de Lobão e Bernardo Vilhena.

A música **O Canto dos Escravos** que pode ser encontrado em CD com a Interpretação de Clementina de Jesus, Tia Doca e Geraldo Filme na Coleção Memória Eldorado. Ela traz palavras e expressões utilizadas na época podendo, inclusive, ser trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa. “Muriquinho piquinino, / Ô parente, / Muriquinho piquinino/ De quissamba no cacunda/ Purugunta adonde vai, / Ô parente. / Purugunta adonde vai, / Pru quilombo do Dumbá” (LIMA, 2006, p. 105).

A influência da cultura africana pode ser encontrada em dezena de outras músicas e se apresentam de diversas maneiras. Podem ser encontradas das canções de ninar e cantos de improviso presentes nas festas como a congada e na capoeira aos ritmos que emergiram em outras partes do planeta e foram incorporadas na música brasileira, como o jazz, o reggae, o funk e o rap.

O filme Quilombo, dirigido por Carlos Diegues é uma boa indicação tanto em relação à parte histórica quanto a musical. A trilha sonora do filme coube a Gilberto Gil e foi reeditada em CD em 2002. Com 17 faixas, muitas incidentais e apenas três com letra, pode trazer o som do quilombo para a sala de aula.

Tratando especificamente do preconceito racial, podendo incluir também toda forma de

13 -VESENTINI; MARTINS; PÉCOR, 2003, p. 82.

14 -MORENO & FONTOURA, 1997, p.163.

15 -FONSECA & SÍMON, 2006, p. 95; PILETTI & PILETTI, 1997, p. 75

16 -COTRIM, 2000, 150; FERNANDES & SALVADORI, 2004, p.65; RIBEIRO & ANASTÁCIA, 1996, p. 93

17 -LIMA, 2006, p. 120; 121.

18 -CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 50.

19 -MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p. 169.

20 -MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p.80.

preconceito, diversos autores de livros didáticos utilizam letras de músicas como texto de apoio. Dentre elas: **Voz Ativa**²¹ de Mano Brown; **Racistas otários**²² de Brown e Ice Blue; **Racismo é burrice**²³ com Gabriel, o Pensador; **Pappers reais**²⁴ de Marcelo D2; além de **Deveres e Direitos**, composta por Toquinho e Elifas Andreato, transcrita no livro *Travessia História*, destinado aos alunos de 1ª série e diz: “Crianças, / Viver sem preconceito é bem melhor [...] Não olhem religião, nem raça”.(FONSECA & SÍMON, 2006, p.126).

Decretada extinta a escravidão, a imigração européia marca outra fase da história brasileira. Mirna Lima, no livro *Porta Aberta* da 3ª série, transcreve, já traduzido para o português, a música que fazia propaganda do Brasil na Itália. [...] “Emigramos para a terra prometida, / Ali se encontra ouro como areia. / Logo, logo estaremos no Brasil” (LIMA, 2005, p96). As músicas italianas **Itália bela, mostre-se gentil**²⁵ e **Mérica, Mérica**²⁶ (América, América – em português), assim como versos anônimos cantados por imigrantes italianos e alemães, também fazem parte do rol de documentos históricos usados nos livros didáticos. Já os compositores Milton Nascimento, Fernando Brant e Chico Alencar, na música **Sonho imigrante**, retratam as belezas do Brasil e a esperança que os imigrantes tinham de encontrar uma vida melhor, quer fossem italianos ou alemães, espanhóis ou portugueses. (FONSECA & SÍMON, 2006, p 980).

A influência de tantas etnias na composição do povo brasileiro aparece na música **Lourinha Bombril** uma composição de Diego Blanco e Bahiano na versão de Herbert Vianna.

[...]Essa crioula tem o olho azul. / Essa lourinha tem cabelo bombril./ Aquela índia tem sotaque do sul/ Essa mulata é da cor do Brasil.// A cozinheira ta falando alemão/ A princesinha ta falando no pé/ A italiana cozinhando feijão/ A americana se encantou com Pelé// Häagen-dazs de mangaba/ Chateau, canela-preta/ Cachaça made in Carmo dando a volta no planeta/ Caboclo presidente/ Trazendo a solução/ Livro pra comida, prato pra educação [...] (BUENO & BOSCHILIA, 2005, p.08) e (MORENO & FONTOURA, 1997, p.124).

As trovas e versos populares, de composição anônima, também são utilizados como referência textual em várias obras relacionadas a diversos temas, principalmente no período do Brasil Colônia. Muitas canções populares como a **Toada Mineira**²⁷ ou o **Lundu de Pai João**²⁸ cantam o árduo trabalho realizado pelos mineradores, tropeiros e escravos. Retratam a revolta contra as injustiças, a exploração e toda série de dificuldades. Como exemplo, os versos cantados pela milícia comandada pelo capitão mestiço Pedro Cardoso no Recife, por volta do ano de 1823 que mostram a revolta contra os portugueses e senhores de terra, os primeiros chamados de Marinheiros e os grandes fazendeiros de caiados. “Marinheiros e caiados/ Todos devem se acabar/

21 -VESENTINI; MARTINS; PÉCOR, 2009, p. 66-67.

22 -MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p. 79.

23 -PILETTI & PILETTI, Suplemento de textos, 1997, p.53.

24 -MONTELLATO & outros. 2002, p. 185.

25 -ANASTASIA & PAIVA, 2006, p.54; BORELLA, 2008, p. 110; CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p.18

26 -FONSECA & SÍMON, 2006, p. 103.

27 -FEREIRA, 1999, p. 103.

28 -MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p. 78; MELANI, 2006, p.159.

Porque só pardos e pretos/ O país hão de habitar/” (RIBEIRO & ANASTÁCIA, 1996, p. 96) e (SANTIAGO, 2006, p. 255).

Muitos dos versos de composição anônima, utilizados como fonte histórica nos livros didáticos analisados, são resgate de versos cantados pelos escravos durante o cultivo da lavoura ou dançado nas senzalas, ao som de tambores, após um árduo dia de trabalho. Outros estão relacionados às revoltas comandadas ou com participação dos escravos, como a Sabinada e a Balaiada, ou ainda, à religião e festividades como a Congada. São encontrados também, versos que criticam feitos políticos, como a corrupção na corte ou a coroação de D. Pedro.

Quem furta pouco é ladrão, / Quem furta muito é barão, / Quem furta e não esconde, / Passa de Barão a Visconde // Furta Azevedo no Paço, / Targini rouba no erário; / E o povo aflito carrega/ Pesada cruz ao calvário.

Por subir Pedrinho ao trono, / Não fique o povo contente/ Não pode ser boa coisa/ Servindo pra mesma gente (COTRIM, 2005, p. 86 e 387).

No quadro abaixo outros versos populares, de composições anônimas, relacionadas à revoltas ocorridas no Brasil, principalmente no período da República dos Coronéis.

Conflito:	Versos da Canção popular:
Praieira – A Revolta Liberal Pernambucana. 1817 – 1824	“Quem viver em Pernambuco/ Deve estar desenganado/ Que há de ser Cavalcanti/ Ou há de ser cavalgado” (COTRIM, 2005, p. 386).
Sabinada – 1837 – 1838 Hino de 7 de novembro. Início da Sabinada – Bahia.	“Debalde tentam plantar/ O jugo da escravidão/ Jamais pode verdear/ Em Baiano coração/ Escravidão só se deseja/ O coração dos tiranos/ Só liberdade convém/ Ao coração dos Baianos[...]”.(SANTIAGO, 2006, p.270).
Balaiada – 1838 – 1841 Canto dos Quilombos - Maranhão	“O Balaio chegou. / O Balaio chegou. / Cadê o branco? / Não há mais branco/ Não há mais sinhô”.(RODRIGUE, 2002, p.163).
Guerra do Paraguai – Cantada pelas mulheres no movimento “Voluntários da Pátria”.	“Aos vinte e cinco de agosto/ às cinco pras seis da tarde/ embarcavam os voluntários/ Ai meu Deus, que crueldade/ As mães choram pros seus filhos, / As mulheres pros seus maridos [...]
Canção de Ninar - Autor Desconhecido.	“Na, na, na, na,/ Que é feito do papai?/ Na, na, na, na,/ Morreu no Paraguai,/ Na, na, na, na,/ Nas tropas se alistou/ Na, na, na, na,/ E nunca mais voltou” (PILETTI & PILETTI, 2009, p.176).
Revolta da Vacina - A Vacina Obrigatória – autor Desconhecido, Odeon Record, 1904.	[...] Bem no braço do Zé povo/ Chega o tipo e logo vai/ Efiando aquele troço/ A lanceta e tudo o mais/ Mas a lei manda que o povo/ E o coitado do freguês/ Vá gemendo na vacina/ Ou então vá pro xadrez/[...] (ORDOÑEZ & MACHADO, 2004, p. 125).
Cangaço - Mestre Zebelê.	“[...] A viola ta chorando/ Ta chorando com razão/ Gemendo de compaixão/ Begolando Virgulino/ Acabou-se Lampião [...]” (MOCELLIN, 2004, p.130).

Encontrar os versos populares em arquivo de áudio pode ser mais difícil do que as músicas.

Ainda assim, é possível localizar estes versos em filmes e documentários. Quando o interesse do professor é trabalhar apenas com a parte da música, pode recorrer à tecnologia e editar o trecho específico. No filme *Independência ou morte*, por exemplo, é possível encontrar, além da música de salão das festas da corte, o canto dos escravos de ganho vendendo seus produtos nas ruas.

A música **Deixe-me viver**, que retrata o conflito social contra a fome, a seca e o abandono, com grande influência religiosa e forte repressão do exército republicano, foi gravada no CD *Canudos e cantos do sertão* em 1996, por isso, pode ser mais facilmente encontrada.

Deixe-me viver/ Deixe-me falar/ Deixe-me crescer/ Deixe-me organizar/ Quando eu vivia no Sertão/ Aos pés de quem devia me mandar/ Gemia, calo e dor nas minhas mãos/ A canga era pesada pra levar/ Aí apareceu pelo Sertão/ Um Monte que passou a cativar/ Tão belo que juntou o povo irmão/ Patrão e opressor não tinha lá./ Canudos outra vez vai florescer/ A vida como um galho vai frondar/ A luta pela terra gera o pão/ Amores vão de novo começar/ Canudos se espalhou pelo país/ Embora os tubarões queiram morder/ Na roça e na vila, o que se diz:/ O povo organizado vai vencer. (BORGES & RODRIGUES, 2008, p. 82-83).

Ao tratar da Revolta da Chibata – levante da marinha ocorrido em 1910, quando os marujos reivindicavam, principalmente, o fim dos castigos físicos – seis dos cem livros didáticos analisados apresentam a letra da Música **O Mestre-Sala dos Mares**²⁹ de João Bosco e Aldir Blanc. O fato, que havia ficado praticamente ignorado nos registros oficiais da história do Brasil, foi musicalizado (e censurado) no ano de 1970. Para que a música fosse liberada os compositores se viram obrigados a substituir determinadas palavras, várias vezes.

Composição original

Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar aparece
Na figura de um bravo marinheiro
A quem a história não esqueceu
Conhecido como almirante negro
Tinha a dignidade de um mestre-sala
E ao navegar pelo mar com seu bloco de fragatas [...]
Rubras cascatas jorravam das costas
dos negros pelas pontas das chibatas
Inundando o coração de toda tripulação
Que a exemplo do marinheiro gritava então [...]

Letra modificada pela censura

Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar aparece
Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu
Conhecido como navegante negro
Tinha a dignidade de um mestre-sala
E ao acenar pelo mar na alegria das regatas [...]
Rubras cascatas jorravam das costas
dos santos entre cantos e chibatas
Inundando o coração do pessoal do porão
Que a exemplo do feiticeiro gritava então [...]

O Almirante negro, João Cândido, não foi o único personagem da história do Brasil cantado em versos. Muitos presidentes tiveram sua personalidade e ações retratadas em músicas ou jingles foram compostos para promover seus feitos e/ou propostas. As músicas, no entanto, nem sempre são homenagens, algumas, usando tom irônico, criticam e satirizam.

Presidente:

Música:

Artur Bernardes

Jingle - “Ai, seu Me/ Ai, seu Me/ Lá no palácio das águias, olé/ Não há de por o pé!” (MOCELLIN, 2004, p.120).

29 -COTRIM, 2005, p.477; FERNANDES & FERREIRA, 2005, p. 385; FIGUEIRA, 2007, p. 311; ORDOÑEZ & MACHADO, 2004, p.127; RIBEIRO & ANASTÁCIA, 1996, p.110; SILVA, 2000, p. 34.

- Washington Luiz **Paulista** - Eduardo Santos. “Ele é paulista?/ É sim senhor/ Falsificado?/ É sim senhor”/.../ (MOCELLIN, 2004. p.121).
- Getúlio Vargas **Glória ao Brasil** – Canção gravada por Nuno Rolan.
 “Surgiu Getúlio Vargas, o grande chefe brasileiro/ Que entre seus filhos como herói foi o primeiro” (PILETTI & PILETTI, 2009).
- Retrato do Velhinho** – de Aroldo Lobo e Mariano Pinto. Relacionada a Eleição Presidencial de 1951. “Bota o retrato do velho outra vez/ Bota no mesmo lugar/ O sorriso do velhinho faz a gente se animar[...]”.(DREGUER & TOLEDO, 2000, p. 200).
- Jânio Quadros Jingle da campanha de Jânio Quadros para Presidente em 1960. “Varre, varre, vassourinha/ Vare, vare a bandalheira”. (PILETTI & PILETTI, 2009, p. 106).
- Jucelino Kubitschek **Presidente Bossa-nova** – Juca Chaves. “Bossa nova mesmo é ser presidente/ Desta terra descoberta por Cabral/ Para tanto basta ser tão simplesmente/ Simpático, risonho, original [...]”(SILVA, 2001, p.192).
- Fernando Henrique Cardoso **Fetichismo Real** – Samba de Magno de Souza, Murilo de Oliveira, Everson Manoel e Edvaldo Galdino. Gravado por Quinteto em Branco e Preto. CD Riquezas do Brasil. CPC-UMES.
 “[...] Tudo pra ele é Real/ Para o povo só fetichismo/ Não há país de Fernando/ Que Cardoso não enrique [...]”. (SILVA, 2001, p. 239).

Getúlio Vargas aparece relacionado a duas músicas, mas outras não transcritas nos livros analisados podem ser encontradas. A marcha: **A voz do povo** e o samba: **Avante brasileiros**, por exemplo, entram no rol da música popular brasileira, em 1950, na voz de J. B. de Carvalho. Uma boa dica são os dois discos do Projeto Uma Visão Através da Música Popular - editado pela Fundação Roberto Marinho na Série Discografia Brasileira, que juntos trazem 24 músicas do período Vargas, dentre elas **O sorriso do presidente; Ai! Gegê; É sopa; Glórias do Brasil; É Negócio Casar e Trabalhadores do Brasil**. As homenagens a Vargas não param por aí, nem se restringem às composições da época. Em **Querência Amada**, Osvaldir e Carlos Magrão fazem uma referência à terra em que nasceu Getúlio. A música **Dr. Getúlio** - Edu Lobo e Chico Buarque - pode ser considerada seu maior hino.

Foi/ O chefe mais amado da nação/ Desde o sucesso da Revolução/ Liderando os liberais/
 Foi/ O pai dos mais humildes (e) brasileiros/ Lutando contra grupos financeiros/ E altos interesses internacionais/ Deu/ Início a um tempo de transformações/ Guiado pelo anseio de justiça/ E de liberdade social/ E/ Depois de compelido a se afastar/ Voltou pelos braços do povo/ Em campanha triunfal/ Abram alas que Gegê vai passar/ Olha a evolução da história/ Abram alas pra Gegê desfilar/ Na memória popular [...] ³⁰

Getúlio Vargas usou a música e a mídia, na época o rádio, como um recurso de controle, censurando letras que não agradavam ou que manifestavam opinião contrária às do governo.

³⁰ http://www.letras.com.br/autor/Chico_Buarque - acesso em 12/03/2010.

Enaltecer o trabalho, combater a vadiagem, louvar o país e o presidente, assim a música passa a ser um instrumento ideológico do Estado. O samba, antes proibido, passou a ser aceito e aprovado inclusive pelo DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda - desde que retratasse as riquezas e personalidades da história do Brasil. Os compositores que não adequassem suas composições musicais às ideologias do governo “viam-se impedidos de gravar suas composições e de cantá-las no rádio, já que todos os meios de comunicação, a partir da criação do DIP, eram censurados por esse organismo estatal” (SILVA, 2000, p 113).

A música **O Bonde de São Januário**³¹ de Wilson Batista e Ataulfo Alves, composta em 1941, aparece em seis dos livros didáticos analisados e foi uma das músicas censurada pelo DIP tendo alguns versos alterados. A Letra Original: “O bonde de São Januário/ Leva mais um sócio otário/ Sou eu que não vou mais trabalhar”. Foi alterada para: “O Bonde São Januário /Leva mais um operário/ Sou eu/ Que vou trabalhar [...] A versão final aceita pelo DIP diz ainda: “Antigamente eu não tinha juízo/ Mas resolvi garantir meu futuro/ Vejam vocês: / Sou feliz, vivo muito bem. / A boemia não dá camisa a ninguém [...]”.

Por outro lado, a música **Aquarela do Brasil**, de Ari Baroso, fez sucesso com seus versos harmoniosos: “[...] Oi estas fontes murmurantes/ Oi onde mato a minha sede/ E onde a lua vem brincar/ Oi esse Brasil lindo e trigueiro [...]” (MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p.11) e (SILVA, 2000, p.113). O mesmo não se pode dizer de Pedro Caetano e Claudionor Cruz que em **Sete e meia da manhã** onde descrevem o martírio da operária que acorda cedo para ir trabalhar ou de Ismael Silva que em 1931 compôs **O que será de mim?**

Se eu precisar algum dia/ De ir pro batente/ Não sei o que será/ Pois vivo na malandragem/
E vida melhor não há/.../ Deixa quem quiser falar/ O trabalho não é bom/ Ninguém pode
duvidar/ Oi, trabalhar só obrigado/ Por gosto ninguém vai lá. (MONTELLATO, 2002, p. 225)

Trabalhar sem usufruir o que produz é também a mensagem da música **Cidadão** de Zé Geraldo. Nela, a queixa de um trabalhador que construiu um edifício e um colégio e não pode entrar neles. O protagonista da música lamenta ter deixado o Nordeste em busca de trabalho que lhe desse melhores condições de vida. “Lá a seca castigava/ mas o pouco que eu plantava/ tinha direito a comer” (MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p.15).

Pau-de-arara de Luiz Gonzaga e Guio de Moraes é uma das catorze músicas que compõem a trilha sonora do filme que conta a trajetória de vida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O fato foi vivido não apenas pelo atual presidente, mas também por inúmeros brasileiros.

Quando eu vim do sertão, / seu moço, do meu Bodocó/ A malota era um saco/ e o cadeado
era um nó/ Só trazia a coragem e a cara/ viajando num pau-de-arara/ Eu penei, mas aqui
cheguei/ Trouxe um triângulo, no matolão/ Trouxe um gonguê, no matolão/ Trouxe um
zabumba dentro do matolão/ xote, maracatu e baião/ Tudo isso eu trouxe no meu matolão.

31 -BARBOSA, 2005, p.171; JÚNIOR, 2004, p.136; MONTELLATO & outros, 2002, p. 225; RODRIGUE, 2002, p.161; SANTIAGO, 2006, p. 173; SILVA, 200, p. 113.

(MELANI, 2008, p.95).

No livro do Projeto Conviver, Ricardo Dreguer e Cássia Narconi transcrevem a letra da música **Último pau-de-arara** de José Guimarães, Venâncio e Corumbá, gravado em 2000 por Gilber Gil. “A vida aqui só é ruim/ Quando não chove no chão/ Pois se chover dá de tudo/ Fatura tem de Montão” (DREGUER, & NARCONI, 2008, p.105). Pau-de-arara é um caminhão adaptado para o transporte de pessoas no qual muitos brasileiros migravam do Nordeste para o Sul e Sudeste. Nas novas terras, muitos nordestinos se tornavam trabalhadores bóias-frias e continuavam usando este tipo de transporte. A música **O Rancho da Goiabada** João Bosco e Aldir Blanc retrata um pouco desta história.

Os bóias-frias, quando tomam/ Umas biritas espantando a tristeza, / Sonham com bife a cavalo, batatas fritas/ E a sobremesa/ É goiabada cascão, com muito queijo, / Depois café, um cigarro e um beijo/ De uma mulata chamada Leonor, / Ou Dagmar [...] (SILVA, 2001, p.197).

Não transcrita nos livros pesquisados, a música de Vinícius de Moraes e Carlos Lira, também intitulada **Pau-de-arara**, canta a saga do cearense que vem morar no Rio de Janeiro.

Eu um dia cansado que tava/ da fome que eu tinha/ eu não tinha nada/ que fome que eu tinha, / que seca danada no meu Ceará/ eu peguei e juntei/ um restinho de coisas que eu tinha: / duas calças velhas e uma violinha/ e num pau de arara/ toquei para cá. / E de noite eu ficava na praia de Copacabana/ zazando na praia de Copacabana/ dançando o chachado pras moças olhá/ Virgem Santa/ que a fome era tanta/ que nem voz eu tinha/ Meu Deus quanta moça/ que fome que eu tinha/ Mais fome que tinha no meu Ceará³²

Antônio Gonçalves da Silva, usando o pseudônimo Patativa do Assaré, canta a vida do retirante antes da decisão de migrar. Em poesia de cordel na música **Vaca Estrela e Boi Fubá**, o retirante, em terra que lhe é estranha, depois de pedir licença canta sua lida no campo. “Lá eu tinha meu gadinho, não é bom nem imaginar/ Minha linda vaca Estrela/ e o meu belo boi Fubá/ Aquela seca medonha/ fez tudo se atrapalhar...” (VESENTINI; MARTINS; PÉCORRA, 2009 p. 37). Na música **A triste partida** o mesmo compositor canta “[...] Aquele nortista, / partindo de pena, / De longe inda acena: / Adeus Ceará” [...] (MELANI, 2008, p. 84).

A partida do migrante de sua terra é retratada por Tom Jobim na música **Peguei um Ita no Norte** de Dorival Caymmi. “Peguei um Ita no norte/ Pra vim pro Rio morar/ Adeus meu pai, minha mãe/ Adeus Belém do Pará” (CRISTINA & outros. 2009 p. 101). A canção **Retirantes**, com letra de Chico Buarque de Holanda e música de Tom Jobim expressa a saudade e a vontade de voltar para a terra natal. “Vou voltar/ Sei que ainda vou voltar/ Para o meu lugar/ Foi lá e é ainda lá/ Que eu hei de ouvir cantar/ Uma sabiá” (LINS, 2008, p.122).

Da esperança, saudade, desencontros, histórias e encontros forma-se o povo brasileiro que não é apenas descendente de imigrantes estrangeiros, mas tem família por todo o canto do país. Esta

³² http://letras.azmusica.com.br/Z/letras_zelia_barbosa_47578/letras_otras_32466/letra_pau_de_arara_972180.html
Acessado em 02/03/2010)

mobilidade aparece na canção **A vida do Viajante** de Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil, gravada também por Fagner “Minha vida é andar por esse país/ Pra ver se um dia descanso feliz/ Guardando as recordações/ Das terras onde passei/ Andando pelos sertões/ E dos amigos que lá deixei.” (CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 38). Ou ainda, na música **Paratodos** de Chico Buarque. “O meu pai era paulista/ meu avô pernambucano/ o meu bisavô mineiro/ meu tataravô baiano/ vou na estrada muitos anos/ sou um artista brasileiro” (CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 82) e (MELANI, 2008, p.95).

Assim como a música **Paratodos, Vou Levar Você**, da dupla Zezé di Camargo e Luciano, trata da diversidade cultural. Enquanto a primeira cita o nome de artistas oriundos dos diversos cantos do país, a segunda destaca diferentes estilos e ritmos musicais. “Vou levar você/ Pra dançar forró comigo no Ceará/ Carimbó gostoso lá em Belém do Pará/.../Para dançar um reggae comigo em São Luís/ Ver o Boi-bumbá na festa de Parintins...” (FONSECA, 2006, p.10). Ambas, falam do povo brasileiro e de lugares do Brasil; sobre diferentes regiões; cantam a saudade de uma época ou do lugar em que se morou. Já a composição de Chico Buarque, **A Cidade Ideal**, descreve como seria um bom lugar para se viver. “O sonho é meu e eu sonho que [...] Deve ter alamedas verdes, / A cidade dos meus amores, / E quem dera os moradores, / E o prefeito e os vereadores/ E os pintores e os vendedores / Fossem somente crianças” (FONSECA & SÍMON, 2006, p 44-45).

Outras músicas encontradas nos livros didáticos de História tratam do lugar em que se vive. Músicas Infantis como **Se essa rua fosse minha**³³ de Eduardo Ramos e Rogério Borges e **A casa**³⁴ de Vinicius de Moraes. Músicas que retratam lugares que já não são mais os mesmos, mas que deixaram saudade como: **Luar do Sertão**³⁵ Catulo da Paixão e João Pernambucano; **Morro Velho**³⁶ de Milton Nascimento; **Um frevo novo**³⁷ de Caetano Veloso e Guilherme Araújo; **Saudosa Maloca**³⁸ de Adoniram Barbosa e **Sampa** de Caetano Veloso e Guilherme Araújo que relembram o início da maior cidade brasileira. “Alguma coisa acontece/ no meu coração/ Que só quando cruza a/ Ipiranga e a Avenida São João [...]” (SAMPAIO, 2004, p.70).

As amarras da violência, do medo e da solidão vivida nas grandes cidades são encontradas nas músicas **Negro drama**³⁹ de Racionais MC's e **Minha Alma** ou **A paz que eu não quero**⁴⁰ de Marcelo Yuka . Por outro lado, a música **Gentileza**⁴¹ de Marisa Monte é uma referência ao personagem carioca que vivia nas ruas entregando flores aos passantes, anunciando, com palavras, cartazes e inscrições nas pilastras do Viaduto do Chá, a solidariedade, o amor ao próximo e à

33 -CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p.54.

34 -BORGES & RODRIGUES, 2008, p. 9.

35 -CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 79.

36 -CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 37; FONSECA & SÍMON, 2006, p. 59 – 60; TEIXEIRA. & CHIANCA, 2006, p.47.

37 -SAMPAIO, 2004, p. 69.

38 -BORGES & RODRIGUES, 2008, p. 54.

39 -MELANI, 2005, p. 51.

40 -ANASTASIA & PAIVA, 2006, p. 61.

41 -FONSECA & SÍMON, 2006, p.19

natureza. “Gentileza gera Gentileza” era seu lema. A letra da música foi transcrita no livro Travessia destinado a alunos de 3ª série.

As músicas que retratam as capitais brasileiras também são transcritas nos livros didáticos, tais como:

- **São Salvador** de Dorival Caymi - Utilizada como referência a primeira capital brasileira. “São Salvador, Bahia de São Salvador/ A terra de Nosso Senhor/ Pedaco de terra que é meu/ São Salvador, Bahia de São Salvador/ A terra do branco mulato/ a terra do preto doutor” (CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 80).

- **Samba do avião**⁴² de Antonio Carlos Jobim – Retrata as belezas do Rio de Janeiro e é reconhecida como o hino daquela que foi por muitos anos a capital do país. **Copacabana**⁴³ de Braguinha e Alberto Ribeiro; **Valsa de uma cidade**⁴⁴ de Ismael Netto e Antônio Maria e **Cidade maravilhosa**⁴⁵ de André Filho – A primeira fala de uma das praias mais famosas do Brasil. A segunda e a terceira cantam o Rio de Janeiro, onde fica Copacabana, mas serve como referência a toda e qualquer cidade onde vive o aluno que vai estudar sua terra e sua gente.

- **Faroeste Caboclo** de Renato Russo – Uma referência a Brasília, a capital do país construída especialmente para esta finalidade, meta concretizada pelo presidente Juscelino Kubitschek. “E num ônibus entrou no Planalto Central [...] Meu Deus, mas que cidade linda! / No ano Novo eu começo a trabalhar”(CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p.81).

O **Hino de Brasília**, proclamada como “a capital da esperança” além das músicas **Céu de Brasília** de Toninho Horta e Fernando Brant ou **Plano Piloto** de Luiz Ganzaga também podem ser utilizadas nas aulas de História quando o tema é a atual capital do Brasil.

A industrialização do país como principal objetivo do governo Juscelino Kubitschek aparece referenciada pela música **Parque Industrial** de Tom Zé. “Retocai o céu de anil,/ bandeiras no cordão,/ grande festa em toda a nação./ Despertai com orações,/ o avanço industrial/ vem trazendo redenção” (FERNANDES & FERREIRA, 2005, p. 490).

Sobre a industrialização e modernização do país, agora nos anos 90, a música **Tempos Modernos** de Milton Nascimento e Fernando Brant.

O Brasil dos noventa/ É terra de novidade/ Automóvel e cinema/Tomam conta da cidade/ Que cresce ouvindo disco/ Voando de avião/ Trabalhando lá na fábrica/ Ou jogando futebol. / A greve invade as ruas/ Toma conta de São Paulo/ E o sonho anarquista/ Se mistura a outros sonhos: / O que segue com a Coluna/ Riscando o chão do país/ E o que vira modernista/ Que faz a arte feliz/ A liberdade e o novo/ Convivem no sonho do povo. (RIBEIRO & ANASTÁCIA, 1996, p.153).

42 -FONSECA & SÍMON, 2006, p. 120.

43 -SAMPAIO, 2004, p. 71.

44 -CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 80.

45 -ANASTASIA & PAIVA, 2006, p.100; MELANI, Maria, 2005, p.22.

A industrialização acelerada altera o modo de vida e as relações de trabalho. A música **Fábrica** do grupo Legião Urbana foi utilizada também quando o tema em estudo era a Revolução Industrial. “Deve haver algum lugar/ Onde o mais forte não/ Consegue escravizar/ Quem não tem chance” (MOTA & BRAICK, 2005, p.116).

A face mais triste dos períodos de grande aceleração industrial é, quem sabe, a pobreza que cresce nas margens das grandes cidades e o trabalho ou o abandono das crianças nas ruas encontrados nas músicas **Relampiano**⁴⁶ de Lenine e Paulinho Moska ou **Pivete** de Francis Hime e Chico Buarque. Os Racionais MC'S denunciam o extermínio de menores abandonados na música **Pânico na Zona Sul**.

Então quando o dia escurece/ Só quem é de lá sabe o que acontece/ Ao que me parece, prevalece a ignorância/ E nós estamos sós./ Ninguém quer ouvir a nossa voz, / Cheios de razão e calibres em punho./ Dificilmente um testemunho vai aparecer/ E pode crer, a verdade se omite./ (Pois quem garante o meu dia seguinte)/ Justiceiros são chamados, por eles mesmos./ Matam, humilham e dão tiros a esmo,/ E a polícia não demonstra sequer vontade/ Ou resolver ou apurar a verdade [...] (MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p.138-139)

Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá cantam em **Pais e Filhos** o absurdo de se culpar os pais por tudo uma vez que eles “São crianças como você”, mas perguntam “O que você vai ser, quando você crescer?” (MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p.131). Seja no campo ao na cidade, a exploração da força do trabalho infantil deve ser combatida pelas autoridades e levado à consciência dos pais de que **Criança não Trabalha**, conforme a música de Paulo Tatt e Arnaldo Antunes que pode ser encontrada no CD *Canções Curiosas da Gravadora Palavra Cantada*. “Lápis, caderno, chiclete, peão/ Sol, bicicleta, skate, calção” (BRANCO & LUCCI, 2006, p. 92).

Renato Russo enfatiza a dualidade entre o trabalho que dignifica e o emprego que massacra. **Música de Trabalho** faz uma crítica à exploração no trabalho, aos baixos salários e à concentração de renda. No mesmo sentido segue a música **Lei da Sobrevivência – Palha de cana**⁴⁷. Nela, Falcão fala do trabalho no campo, mas a crítica é a de que o trabalhador não usufrui daquilo que produz, pois o lucro fica nas mãos de poucos, daqueles que muitas vezes nem sequer estão presentes na linha de produção. Por outro lado, a música **Pescaria** ou **Canoeiro**⁴⁸ de Dorival Caymmi, apresenta o trabalho do pescador como sendo um melodioso deslizar sobre as ondas, resultando em presentes para a mulher, sua Iaiá, que fica apenas a esperar.

A mão de obra feminina, o emprego da mulher nas fábricas está presente na música **Três apitos** de Noel Rosa.

Quando o apito/ da fábrica de tecidos/ vem ferir os meus ouvidos/ eu me lembro de você/ Mas você anda/ Sem dúvida bem zangada/ ou está interessada/ em fingir que não me vê/ Você que atende ao apito/ de uma chaminé de barro/ por que não atende o grito/ tão aflito/ da buzina do meu carro?/ Você no inverno/ sem meias vai pro trabalho/ não faz fé com agasalho/ nem no frio você crê./ Mas você é mesmo/ artigo que não se imita/ quando a

46 -CHARLIER & SIMIELLI, 2009, p. 26

47 -SCHMIDT, 2002. p. 36 – 37.

48 -BORELLA, 2008, p.57.

fábrica apita/ faz reclame de você/ Nos meus olhos você lê/ como sou cruelmente/ com ciúmes do gerente/ impertinente/ que dá ordens a você/ sou do sereno/ poeta muito soturno/ vou virar guarda-noturno/ e você sabe por que/ mas você não sabe/ que enquanto você faz pano/ faço junto do piano/ esses versos pra você (MARQUES & BERUTTI, 2002, p. 85).

Erasmu Carlos, na música **Mulher**⁴⁹, escreve que é mentira dizer que “mulher é sexo frágil” diz saber que “a força está com elas”, mas, retrata uma mulher que fica em casa esperando a volta do marido e cuidando dos seus filhos, assim como as **Mulheres de Atenas**⁵⁰, de Chico Buarque e Augusto Boal. Já a mulher submissa, foi cantada em 1942, por Ataulfo Alves e Mário Lago. O samba **Ai que saudades da Amélia**⁵¹ fez enorme sucesso mesmo estando o país vivendo num clima de modernidade.

Para estudar a posição da mulher na sociedade, sua força de trabalho, o preconceito em relação a determinados papéis que desempenha, as músicas: **Rotina**, de Roberto e Erasmo Carlos, onde conta a vida da mulher que fica em casa esperando o marido chegar do trabalho; **Começar de novo**, composta por Ivan Lins e Vítor Martins, canta a mulher que se liberta das amarras, do domínio e até do fascínio, que recomeça contando com sua própria força e **Maria, Maria** de Milton Nascimento e Fernando Brant, apresenta o dom e a magia da mulher que precisa ter força, ter garra, ter manhã e ter graça, ter enfim, fé na vida, uma vida que deixa na pela sua marca. (MACEDO & OLIVEIRA, 1996, p.128-129).

A luta pelo espaço social e econômico das mulheres, assim como os períodos de maior industrialização e crescimento acelerado é um exemplo de fatores que acarretam mudanças sociais, na economia e também na cultura. Como representação de movimentos culturais as músicas gravadas por Roberto Carlos: **Mexirico da Candinha** de Roberto e Erasmo Carlos, e, **É papo firme** de Renato Corrêa e Davidson Gonçalves (SCHIMIDT, 2005, p.223). Ambas são boas representantes do comportamento jovem da classe média alta e contam, com detalhes, as características do movimento. Apesar da demonstração de rebeldia em relação aos valores sociais e culturais, tinham fraco engajamento político ou envolvimento em causas que promovessem profundas transformações: falavam gírias, usavam calça jeans apertada e minissaia, de cabelos compridos e dirigindo seus carrões em alta velocidade. Além da versão em português das músicas americanas em ritmo de rock, as composições de Roberto e Erasmo Carlos, acompanhados por Wanderléia, contam também o beijo no cinema fazendo **Splish Splash**, **Parei na Contramão**, **Calhambeque**, **Festa de Arromba**, **Eu Sou Terrível**, e declaram **Quero que vá tudo pro inferno e Não é Papo Pra Mim**.

A influência americana tão visível na música deste período é criticada pelo compositor Assis Valente em **Brasil Pandeiro**, visível nos versos: “O tio Sam está querendo

49 -MOTA & BRAICK, 2005, p.94.

50 -DREGUER & TOLEDO, 2000, p.103; FERNANDES & FERREIRA, 2005, p.46.

51 -SCHMIDT, 2007, p. 560.

conhecer/ A nossa batucada” (PILETTI & PILETTI, 2009, p. 82). A participação norte americana foi expressiva também no campo político como suporte e orientação ao regime militar. A música ufanista que enaltece o governo, o regime e suas realizações, volta a ser utilizada como forma de controle e instrumento de propagação da ideologia do Estado. “Todos juntos, vamos/ pra frente Brasil/ Salve a seleção” diz a **Marchinha da Copa do Mundo de Futebol**⁵² de 1970. A dupla Dom e Ravel grava **Eu te amo meu Brasil**⁵³. No ano anterior, Jorge Bem gravava **País Tropical**⁵⁴ cantando o país que tem belezas naturais, futebol e carnaval. As três músicas foram escolhidas por diversos autores e constam nos livros didáticos para exemplificar uma das correntes musicais do período. Roberto Carlos, que despontou no cenário musical como rebelde sem causa compõe **Debaixo dos caracóis dos seus cabelos**, uma homenagem a Caetano Veloso, exilado pelo regime. “[...] Você só deseja agora, voltar pra sua gente/ Você anda pela tarde e o seu olhar tristonho/ Deixa sangrar no peito uma saudade um sonho/ Um dia vou ver você chegando num sorriso/ Pisando a areia branca que é seu paraíso” (BUENO & BOSCHILIA, 2005, p. 95). No mesmo disco gravou, em 1971, **Todos estão surdos**, um tributo à paz e aqueles que a pregam. Com o amigo Erasmo compõe os versos “Eu não posso mais ficar aqui a esperar”. A música **Sentado à beira do caminho** parece ser o despertar do compositor e cantor, que sai do iê-iê-iê para entrar no rol dos artistas engajados. Mesmo não fazendo parte dos maiores sucessos do cantor, nem referenciada nos livros didáticos pesquisados, estas canções podem ser incluídas, pelos professores e alunos, nas aulas de História.

Na outra ponta estão as músicas de protesto. Um bom exemplo é **Meu caro amigo**, composta por Chico Buarque em parceria com Francis Hime, em 1976. Chico, depois de retornar do exílio, escreve pedindo perdão por não poder fazer uma visita ao amigo que continuava no exterior e aproveitando a ida de um portador manda notícias do Brasil:

[...] Aqui na terra ‘tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock’n1 roll/ Uns dias chove, noutros dias tem sol/ mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui ta preta/ Muita careta pra engolir a transação/ E muita gente ta engolindo cada sapo no caminho/ E a gente vai se amando que, também, sem carinho/ Ninguém segura esse rojão [...]

(DELL'AGOSTINO; SILVA; VASCO, 2005, p. 146).

Em 1970, Chico Buarque, Vinícius de Moraes e Toquinho compõem **Samba de Orly**, numa referência ao aeroporto internacional de Paris onde viviam exilados os artistas brasileiros perseguidos pela ditadura.

Vai, meu irmão/ Pega esse avião/ Você tem razão de correr assim desse frio/ mas beija o meu Rio de Janeiro/ Antes que um aventureiro/ Lance mão/ Pede perdão/ Pela duração dessa temporada/ Mas não diga nada/ Que me viu chorando/ E pros da pesada/ Diz que vou levando/ Vê como é que anda/ Aquela vida à toa/ E se puder me manda/ Uma notícia boa/ Pede perdão/ Pela omissão um tanto forçada/[...] (BARBOSA; JUNIOR; PÊRA, 2005, p.241)

52 -PILETTI & PILETTI, 2009, p. 157; MARQUES & BERUTTI, 2004, p. 56.

53 -COTRIM, 2005, p. 562; FERNANDES & FERREIRA, 2005, p. 521; PILETTI & PILETTI, 2009, p. 157.

54 -MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p.11.

O samba, que foi gravado em 1993 por Chico Buarque, aconselha o autoexílio. Já a despedida de quem deixa o país foi composta por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos em 1972 com a consciência de que **Nada será como antes**⁵⁵. Perseguidos, censurados, exilados ou forçados a se autoexilar os compositores procuravam burlar o sistema usando aliterações ou pseudônimos. Foi com o nome de Leonel Paiva e Julinho de Adelaide que Chico Buarque de Holanda registrou a música **Acorda Amor** que diz: “Eu tive um pesadelo agora/ Sonhei que tinha gente lá fora/ Batendo no portão, que aflição/ Era a dura, numa muito escura viatura/ Minha nossa santa criatura [...]” (FERNANDES & FERREIRA, 2005, p. 524) e (ORDOÑEZ & MACHADO, 2004, p.184). **Cálice**, música de Chico Buarque, é outro exemplo de como os artistas buscavam burlar a censura militar. Versos como: “Pai, afasta de mim este cálice” pretendiam dar um cunho religioso para a ordem militar “cale-se!”. O duplo sentido da palavra aparece quando cantado pelo coral e também em outros versos da canção.

Apesar do forte controle exercido pelo Regime Militar, são muitas as músicas de protestos que marcaram as décadas de 60 e 70. O grito de guerra foi dado por João do Vale e José Cândido “Carcará pega, mata e come” na música **Carcará**, interpretada por Nara Leão e depois por Maria Bethânia no Teatro “Opinião”. A música **Opinião** de Zé Kéti, mostra a resistência, a perseverança, a vontade de continuar mantendo os mesmos ideais apesar de toda forma de violência. Mesmo não tendo o ritmo alegre e empolgante das músicas ufanistas as músicas de protesto do período permanecem, ainda hoje, na memória de muitos brasileiros e são as mais encontradas nos livros didáticos de História. Além das já citadas, fazem parte desta categoria músicas como: **O bêbado e o equilibrista** - João Bosco e Aldir Blanc - canta a esperança e a persistência, apesar da dor; **O ronco da cuíca** - mostra os sentimentos reprimidos do artista com tantas proibições; **Roda Viva** – Chico Buarque - demonstra o desejo de se fazer ouvir que no meio do caminho se perde e toma novos rumos; **Ponteio** – Edu Lobo e Capinam - um dia, como outro qualquer, tudo muda pela força, poder e violência.

A música **Pra não dizer que não falei das Flores**⁵⁶, de Geraldo Vandré, ficou marcada como o símbolo da resistência à Ditadura Militar. Nela, Vandré convoca “Vem vamos embora que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora não espera acontecer”. Denuncia: “Pelos campos há fome em grandes plantações/ Pelas ruas marchando, indecisos cordões”. Faz referência ao movimento estudantil que cercados por policiais armados, saem e colocam uma rosa em cada fuzil. “Ainda fazem da flor seu mais forte refrão/ E acreditam nas flores vencendo canhão”. Dos militares, escreve: “há soldados armados, amados ou não / Quase todos perdidos de armas na mão/ Nos

55 -BARBOSA; JUNIOR; PÊRA, 2005, p. 241.

56 -BUENO & BOSCHILIA, 2005, p.96; COTRIM, 2005, p. 460; DELL'AGOSTINO; SILVA; VASCO, 2005, p. 176; FERNANDES, & FERREIRA, 2005, p. 507; ORDOÑEZ & MACHADO, 2004, p. 175; PILETTI & PILETTI, 2009, p. 155; SCHMIDT, 2002, p.144.

quartéis lhes ensinam uma antiga lição/ De morrer pela pátria e viver sem razão”.

Dos livros analisados, a letra desta música foi uma das mais transcritas pelos autores uma vez que foi encontrada em sete deles. Perde apenas para **Apesar de Você**⁵⁷ de Chico Buarque de Holanda, gravada em 1970, transcrita em dez dos livros analisados. A música, em tom de denúncia, crítica o governo do general Médici, o de maior linha dura do período.

Hoje você é quem manda / Falou, tá falado/ Não tem discussão, não. / A minha gente hoje anda/ Falando de lado e olhando pro chão/ Viu? / Você que inventou esse Estado/ Inventou de inventar/ Toda escuridão/ Você que inventou o pecado/ Esqueceu-se de inventar o perdão/.../.

E finaliza: “Apesar de você amanhã há de ser outro dia”.

A ditadura militar calou e reprimiu lideranças. As décadas seguintes são inexpressivas em relação a produções musicais de engajamento político e social. **Ideologia** - “quero uma para viver” composta por George Israem e Nilo Romero, gravada por Cazuza em 1988, demonstra bem o fato (ANASTASIA & PAIVA, 2006, p. 86). Cazuza foi, talvez, o maior representante desta fase. Idealista, descontente com a situação do país e sem uma ação capaz de provocar mudanças, acaba se envolvendo com drogas e morre cedo vítima da AIDS. **Brasil mostra sua cara** é uma das suas músicas. Na mesma linha, Renato Russo grava, em 1987 **Que país é este**. “Nas favelas, no Senado/ Sujeira pra todo lado/ Ninguém respeita a Constituição/ Mas todos acreditam no futuro da nação /.../” (MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p.11) e (FERNANDES & FERREIRA, 2005, p. 543).

As distorções do sistema capitalista aparecem claramente na música **Barracos** com Gilberto Gil no LP Dia Dorim, noite néon, 1985. “[...] O governador promete/ mas o sistema diz não/ os lucros são muito grandes/ mas ninguém quer abrir mão/ mesmo uma pequena parte/ já seria a solução/ mas a usura desta gente/ já virou aleijão/ ôôô ôô gente estúpida/ ôôô ôô gente hipócrita” (FERREIRA, 1999).

A música **Comida** gravada pelos Titãs em 1987, também é um grito em prol dos direitos do cidadão. Foi transcrita em quatro dos livros analisados e aparece relacionada aos temas: mundo atual, capitalismo, consumo e cidadania e também em festas e brincadeiras uma vez que questiona: “Você tem sede de quê? / Você tem fome de quê?” E afirma: “A gente não quer só comida/ A gente que comida, diversão e arte” (ANASTASIA & PAIVA, 2006, p. 80).

As festas populares como o carnaval e as festas do boi, no Amazonas ou no litoral Sul do Brasil, os brinquedos assim como as brincadeiras de roda e os jogos de futebol continuam a fazer parte das tradições do povo brasileiro e são temas de estudo com diversas músicas relacionadas. O estilo, no entanto, mudou acompanhando a evolução da ciência e da tecnologia e alcançam todos os pontos do país graças à eletricidade e às Tecnologias de Informação e Comunicação. As

57 -ANASTASIA & PAIVA, 2006, p.94; BARBOS; JUNIOR, 2005, p. 241; DREGUER & TOLEDO, 2000, p.255; FERNANDES & FERREIRA, 2005, p. 521 – 525; MONTELLATO & outros, 2002, p. 251-252; ORDOÑEZ & MACHADO, 2004, p. 174; PILETTI & PILETTI, 2009, p. 155; RODRIGUE, 2000, p. 247; SILVA, 2001, p. 219.

transformações decorrentes do surgimento da energia elétrica transparecem na música **Lampião de gás** de Zica Bergami, gravada por Inezita Barroso em 1958. “Lampião de gás, lampião de gás, / Quanta saudade, você me traz! / Minha São Paulo, calma, serena, / Que era pequena, / Mas... grande... demais! / Agora cresceu, [...]” (MELANI, 2008, p. 92).

O telefone foi outra grande invenção musicalizada por diversos artistas. **O Telefone** é título do primeiro samba brasileiro gravado em disco, registrada em cartório como sendo de Ernesto dos Santos, conhecido por Donga. Uma das mais citadas canções relacionadas ao tema foi também o primeiro registro de disputa pelos direitos autorais. “A propriedade musical do samba gerou muitas disputas, pois na época as composições eram feitas por meio de um processo coletivo e anônimo, com a participação de várias pessoas” (SILVA, 2001, p. 72). Justamente por ser cantada e recantada nas rodas de samba, a letra do samba pode ser encontrada em diferentes versões. “O chefe da polícia/ Pelo telefone/ Manda me avisar/ Que na carioca/ Tem uma roleta/ Para se jogar”. (MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p; 102). “O chefe da folia, / Pelo telefone, manda me avisar/ Que com que alegria/ Não se questiona, para se brincar/ Ai,ai,ai/ É deixar mágoas pra trás, ó rapaz,/Ai,ai,ai/ Fica triste se é capaz. E verás[...]” (SILVA, 2001, p. 72).

O rádio, que mudou o rumo da música no Brasil, foi tema na música **Rádio Pirata**⁵⁸, de Paulo Ricardo e é ainda muito atual com as freqüentes discussões entre rádios comerciais, piratas, comunitárias e educativas. Sobre os meios de comunicação as músicas **Televisão**⁵⁹ do grupo Titãs e **Alegria, Alegria**⁶⁰ de Caetano Veloso são transcritas em três outras obras, nesta última o cantor, olhando uma banca de revista, pergunta: “Quem lê tanta notícia?”. Depois da imprensa, do rádio e da TV, a Internet com a música **Pela Internet**⁶¹, gravada por Gilberto Gil em 1997.

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação, entre elas a Internet, podem fazer nova revolução na produção musical. Possibilitam também acesso à música e outros documentos históricos e podem ainda contribuir na produção e publicação de novos conteúdos.

2.2 – A utilização da música nas aulas de História do Brasil

A música, assim como qualquer outro documento histórico, não pode ser utilizada como sendo uma verdade absoluta. Aliás, foi depois da concepção de que verdades, mesmo históricas, não são absolutas que a música passou a ser utilizada como documento histórico. Anteriormente, só eram considerados válidos os documentos reconhecidos como “oficiais”, na sua maioria, representando a ideologia de quem estava no poder.

⁵⁸ MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p. 95.

⁵⁹ -MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p. 132 – 133.

⁶⁰ -MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p. 128; DELL'AGOSTINO; SILVA; VASCO, 2005, p. 178; SCHMIDT, 2002, p. 204; SCHMIDT, 2007, p. 768.

⁶¹ MARINO & STAMPACCHIO, 2002, p. 102.

Os livros didáticos propõem que após a explicação do professor, análise e interpretação da letra, os alunos desenhem, organizem painéis e cartazes, comparem com outros textos, montem coreografias ou teatro, respondam a questionários, façam paródias de outras músicas com o tema em estudo. Alguns autores registram a importância de se possibilitar a audição da música, outros sugerem o recurso do jogral ou que a música seja cantada pela classe. Sugerem ainda, questionamentos que devem ser feitos aos alunos, tais como: “Quem é o autor/ cantor? Em que ano foi composta? Do que trata a canção? Você a compreendeu? Conhece uma história parecida? Você terminaria de forma diferente? Tem alguma palavra que não conhece?” E assim seguem os questionamentos com perguntas relacionadas apenas ao tema da canção. A pesquisa histórica deve, no entanto, ir além de perguntas de análise estrutural e de compreensão do texto. O professor de História deve estar atento também para que a música não seja apenas mais um recurso que agrada aos alunos pela sonoridade e poesia. Como documento histórico, necessita de indagações e interpretação. Nestes momentos não se pode perder o foco do fato ou acontecimento histórico em estudo. Reconhecer se a música é um recurso didático na motivação dos alunos, conteúdo ou referência (usada para introduzir um tema, ilustrar, exemplificar), ou ainda, um documento histórico é fundamental.

As atividades com música devem ir além do tradicional questionário normalmente encaminhado pelos autores de livros e professores. É preciso que se possibilite ao aluno levantar suas dúvidas, fazer indagações, expor seus interesses e necessidades. Mas, parar neste ponto é ser apenas consumidor de um produto semi acabado. Para que o aluno desenvolva a capacidade de observar, de extrair informações, de estabelecer relações e, o mais importante, fazer seus próprios registros e representações é necessário que se possibilite espaço de produção. Para ter valor histórico, os documentos produzidos pelos alunos devem estar pautados em todo conhecimento historicamente acumulado que alunos e professores possam lançar mão no momento da sua elaboração.

Os recursos tecnológicos, disponíveis na maioria das escolas brasileiras e cada vez mais encontrados na mão dos estudantes podem, e devem, ser utilizados. Hoje, é possível, para os alunos, na maioria das escolas, criar arquivos digitais multimídia: uma apresentação, um programa radiofônico, um pod cast, um vídeo, um clip, uma animação, um jogo, uma simulação. A música, nesta proposta, encontra um espaço privilegiado. Pode ser utilizada como pano de fundo, como referência, como exemplo, como complemento. A escolha da trilha sonora, por si só, já é um trabalho de pesquisa histórica. Cabe ao professor orientar para a seleção e escolha da música não apenas como recurso sonoro, mas como documento histórico, como complemento, como ilustração ou ampliação do tema em estudo.

As Tecnologias de Informação e Comunicação podem fazer nas produções dos professores e

alunos o que não é possível aos autores dos livros didáticos: possibilitar a audição ao mesmo tempo em que a palavra escrita e imagens são utilizadas. O recurso sonoro pode ser incluído nas produções digitais possibilitando que o processo de aprendizagem se efetive através de todos os sentidos. Na produção de conteúdos digitais, além da possibilidade de uso de textos, sejam poéticos ou não, questionamentos, depoimentos ou qualquer forma de registro escrito e de imagens, sejam desenhos, fotografias ou pinturas, é possível incluir som e movimento. Além disso, hoje podem ser facilmente publicados na rede mundial de computadores e servir como objeto digital para outros aprendizes.

Programas de computador e outros recursos como a web cam, as câmeras fotográficas digitais e até os celulares usados para gravação e edição de áudio e vídeo podem ser facilmente encontrados e utilizados. Aliando música e iconografia, ambas selecionadas como fonte histórica ou como representação de um tema, na criação de objetos digitais multimídia é a garantia de uma aprendizagem efetiva.

Neste processo, o professor é o mediador, o que propicia a construção do conhecimento do aluno. Ele cria as situações de aprendizagem, ouve, questiona, interfere, orienta, sugere, indica novos caminhos, colabora. Precisa ter clareza de sua intencionalidade pedagógica e dos objetivos a alcançar. Precisa também, ser conhecedor da sua área e um eterno aprendiz.

Para cantar a História do Brasil através da produção de arquivos digitais multimídia é preciso que o professor identifique e reconheça as músicas que podem ser utilizadas, o contexto em que foram produzidas, as intencionalidades do autor e tenha sua própria coleção de áudio. Precisa, também, identificar e conhecer a especificidade pedagógica dos recursos midiáticos disponíveis no contexto escolar.

3. CONCLUSÕES

O intuito deste trabalho foi o de verificar como e quais músicas são indicadas nos livros didáticos de História do Brasil. A pesquisa bibliográfica resultou no registro de cento e quarenta e cinco músicas, jingles ou versos populares de composição anônima que se perpetuaram no tempo e hoje são considerados documentos históricos. Não fazem parte desta lista as músicas encontradas nos temas introdutórios como o estudo da História e o tempo. São músicas que dizem respeito a períodos marcantes da História do Brasil como o descobrimento, a escravidão, as revoltas, a ditadura militar, a ditadura de Vargas e o seu governo, assim como o de outros presidentes. Músicas que tratam do lazer e do trabalho, do campo e das cidades, assim como a movimentação populacional do campo para a cidade e da saudade do que ficou. Que retratam alguns movimentos sociais, da violência e da corrupção. Que falam do papel da criança e da mulher na sociedade brasileira. Música relacionada à cultura e cidadania, aos períodos de maior industrialização e

modernização do país, aos transportes e profissões, ao capitalismo e consumismo. Músicas que cantam as tecnologias e as transformações que ocasionam, e, novamente, a saudade. Que cantam a beleza de um único Brasil, mas com tantos lugares distintos com suas belezas e peculiaridades próprias. Enfim, são músicas que cantam o Brasil, sua gente e sua história.

Neste universo, outras composições podem ser encontradas e incluídas nas aulas de História e esta lista pode duplicar e depois triplicar. Mas, não basta listar centenas de músicas que cantam a história do Brasil, ler a letra, ouvir, identificar o disco, a gravadora, a época, o compositor, o intérprete. A música, aliada ao uso pedagógico das Tecnologias de Informação e Comunicação, num processo de produção coletiva e colaborativa pode garantir a construção de uma aprendizagem mais significativa.

Para que o panorama desenhado neste trabalho possa ser efetivado nas escolas é necessário que os professores estejam preparados para uma mudança no seu papel de ensinar. Depois de identificar e organizar o acervo musical seja em formato escrito, em áudio ou vídeo, partam para a organização de espaços de aprendizagem onde o aluno é co-produtor. As Tecnologias de Informação e Comunicação devem integrar estes espaços. Os professores precisam desenvolver habilidades no manuseio de equipamentos e softwares de criação, gravação e edição de imagens, áudio e vídeos. Tudo isso sem perder o foco dos objetivos de ensinar e aprender história, mas efetivando de forma ampla e profunda o estudo da história e a construção da cidadania brasileira.

REFERENCIAS

ALVES, Rosemeire & BELLUSCI, Maria Eugênia. História – A escola é nossa. 2º ano, São Paulo, Scipione, 2009.

ANASTASIA, Carla Maria Junho & PAIVA, Eduardo França. Histórias, imagens & textos - 4ª série. 2.ed, Belo Horizonte, Dimensão, 2006.

ANASTASIA, Carla Maria Junho & PAIVA, Eduardo França. Histórias, imagens & textos - 2ª série. 2.ed, Belo Horizonte, Dimensão, 2006.

ARRUDA, José Jobson. História Integrada – Do fim do século XIX aos dias de Hoje. Volume 4, São Paulo, Ática, 1995.

BARBOSA, Elaine Senise; JUNIOR, Newton Nazaro; PÊRA, Silvio Adegas. Coleção Panorama da História – v. 2. Curitiba, Positivo, 2005.

BARBOSA, Elaine Senise; JUNIOR, Newton Nazaro; PÊRA, Silvio Adegas. Coleção Panorama da História – v. 3. Curitiba, Positivo, 2005.

BORELLA, Regina Nogueira & CARVALHAES, Leylah. Projeto Prosa História. 2º ano. São Paulo, Saraiva, 2008.

BORELLA, Regina Nogueira e outros. Projeto Prosa História. 3º ano. São Paulo, Saraiva, 2008

BORELLA, Regina Nogueira e outros. Projeto Prosa História. 4º ano. São Paulo, Saraiva, 2008.

BORGES, Maria dos Anjos & RODRIGUES, Mariana. Coleção Aroeira: História. 3º ano, São

paulo, escala educacional, 2008.

BRANCO, Anselmo Lazaro & LUCCI, Elian Alabi. Novo Viver e Aprender História. 4º ano. 4.ed, São Paulo. Saraiva, 2008.

BRANCO, Anselmo Lazaro & LUCCI, Elian Alabi. Viver e Aprender História. 3ª série. 4.ed, São Paulo. Saraiva, 2006.

BRANDÃO, Antonio Carlos & DUARTE, Milton Fernandes. Movimentos culturais de juventude. 2.ed, São Paulo, Moderna, 2004.

BUENO, Wilma de Lara & BOSCHILIA, Roseli. Pra gostar de História – 4ª série – Histórias do Meu país. Curitiba, Base, 2005.

CHARLIER, Anna Maria & SIMIELLI, Maria Elena. Asas para Voar - História – 3º ano. São Paulo, Ática, 2009.

CHARLIER, Anna Maria & SIMIELLI, Maria Elena. Asas para Voar - História – 4º ano. São Paulo, Ática, 2009.

CHARLIER, Anna Maria & SIMIELLI, Maria Elena. Asas para Voar - História – 5º ano. São Paulo, Ática, 2009.

COSTA, Hernani Maia & SILVA, Francisco Alves da. Coleção objetivo : Sistema de Métodos de Aprendizagem – História Integrada: Brasil e América II. Livro 27. CERED, Objetivo.

COTRIM, Gilberto. História & Reflexão–Consolidação do Capitalismo e Brasil Império. V 3, 3 ed, São Paulo, Saraiva, 1996.

COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e Geral. V. Único. 8.ed, São Paulo, Saraiva, 2005.

COTRIM, Gilberto. Saber e fazer História- História Geral e do Brasil. 7ª serie. São Paulo, Saraiva, 2000.

CRISTINA, Kelly & outros. Caracol – Ensino Fundamental – História 5º ano. 2.ed, São Paulo, Scipione, 2009.

DELL'AGOSTINO, Adriana; SILVA, Sérgio Aguilar; VASCO, Ediméri Stadler. História - Trabalho, Cultura e Poder - Vol 1, Ensino médio, Curitiba, base, 2005.

DELL'AGOSTINO, Adriana; SILVA, Sérgio Aguilar; VASCO, Ediméri Stadler. História - Trabalho, Cultura e Poder - Vol 2, Ensino médio, Curitiba, base, 2005.

DELL'AGOSTINO, Adriana; SILVA, Sérgio Aguilar; VASCO, Ediméri Stadler. História - Trabalho, Cultura e Poder - Vol 3, Ensino médio, Curitiba, base, 2005.

DREGUER, Ricardo & NARCONI, Cássia. Projeto Conviver – História 4º ano. São Paulo, Moderna, 2008

DREGUER, Ricardo & TOLEDO, Eliete. História – cotidiano e Mentalidades. Dos primeiros grupos humanos ao século V. 2. ed, São Paulo, Atual editora, 2000.

DREGUER, Ricardo & TOLEDO, Eliete. História – cotidiano e Mentalidades. Da hegemonia burguesa à era das incertezas: séculos XIX e XX. 2. ed, São Paulo, Atual editora, 2000.

FEREIRA, José Roberto Martins. História Martins – 6ª série. São Paulo, FTD, 1999.

FEREIRA, José Roberto Martins. História Martins – 8ª série. São Paulo, FTD, 1999.

FERNANDES, Jane Gasparotto & SALVADORI, Maria Ângela Borges. Trilhos e Trilhas – História 4ª série. 2.ed, São Paulo, Saraiva, 2004.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira & FERREIRA, João Paulo Mesquita Hidalgo. Nova História Integrada. Ensino Médio. Volume Único. Campinas, Companhia da Escola, 2005

- FIGUEIRA, Divalte Garcia. História. V. Único. Ensino Médio. São Paulo, Ática, 2007.
- FONSECA, Selva Guimarães & SÍMON, Cristiano Biazzo. Travessia História. 1ª série. 2. ed, Belo Horizonte, Dimensão, 2006.
- FONSECA, Selva Guimarães & SÍMON, Cristiano Biazzo. Travessia História. 3ª série. 2. ed, Belo Horizonte, Dimensão, 2006
- FONSECA, Selva Guimarães & SÍMON, Cristiano Biazzo. Travessia História. 4ª série. 2. ed, Belo Horizonte, Dimensão, 2006.
- JÚNIOR, Alfredo Boulos. Coleção História: Sociedade & Cidadania. 8ª série. São Paulo, FTD, 2004.
- LIMA, Lizânias de Souza & PEDRO, Antonio. História por eixos temáticos. 7ª série. São Paulo, FTD, 2002.
- LIMA, Maria. História Série Brasil – 4ª série. São Paulo, Ática, 2006.
- LIMA, Mirna. Porta Aberta História 3ª série. São Paulo, FTD, 2005.
- LINS, Ana Luísa. História – Tantas Histórias. São Paulo, FTD, 2008.
- MACEDO, José Rivair & OLIVEIRA, Mariley W. Brasil: Uma História em Construção. Volume 1, São Paulo, editora do Brasil, 1996.
- MARINO, Denise Mattos & STAMPACCHIO, Léo. Link do Tempo – 6ª série. São Paulo, Moderna, 2002.
- MARINO, Denise Mattos & STAMPACCHIO, Léo. Link do Tempo- 5ª série. São Paulo, Moderna, 2002.
- MARQUES, Adhemar & BERUTTI, Flávio. Pelos caminhos da História – 3ª série. Curitiba, Positivo, 2004.
- MARQUES, Faria; BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. História: Os caminhos do homem. Edição Atualizada, Belo Horizonte, Editora Lê, 1995.
- MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana. 5 ed, São Paulo, Palas Athena, 2005.
- MELANI, Maria Raquel Apolinário (editora responsável). Projeto Araribá – História. 6ª série. São Paulo, Moderna, 2006.
- MELANI, Maria Raquel Apolinário (editora responsável). Projeto Araribá – História. 7ª série. São Paulo, Moderna, 2006.
- MELANI, Maria Raquel Apolinário (editora responsável). Projeto Pitangua – História. 4º ano. 2.ed, São Paulo, Moderna, 2008.
- MELANI, Maria Raquel Apolinário (editora responsável). Projeto Pitangua – História. 2º ano. 2.ed, São Paulo, Moderna, 2008.
- MELANI, Maria Raquel Apolinário (editora responsável). Projeto Pitangua – História. 3ª série, São Paulo, Moderna, 2005.
- MOCELLIN, Renato. Para compreender a História – coleção conhecimento – 6ª série. Curitiba, Positivo, 2004.
- MONTELLATO, Andrea & outros. História Temática – O mundo dos Cidadãos – 8ª série, São Paulo, Scipione, 2002.
- MORENO, Jean Carlos & FONTOURA Jr. Estudos Sociais - História/ Geografia - 4ª série. São Paulo, IBEP, 1997.

- MOTA, Myriam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. História das cavernas ao terceiro milênio.v.1, São Paulo, Moderna, 2005.
- MOTA, Myriam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. História das cavernas ao terceiro milênio. v.2 São Paulo, Moderna, 2005.
- ORDOÑEZ, Marlene & MACHADO, Lizete Mercadante. Coleção Horizontes: História Ensino Fundamental – Brasil: A Monarquia e a República. 6ª série. São Paulo, IBEP, 2004.
- ORDOÑEZ, Marlene & outros. História com reflexão – 4ª série. São Paulo, IBEP, 2001.
- PEDRO, Antonio. História da Civilização Ocidental : Geral e Brasil./ Integrada. São Paulo, FTD, 1997.
- PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. História & Vida – Brasil: da Pré-História à Independência. V.1. 20.ed, São Paulo, Ática, 1997.
- PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. 7ª série. São Paulo, Ática, 2009.
- PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. 8ª série. São Paulo, Ática, 2009.
- RIBEIRO, Vanise & ANASTÁCIA, Carla. Brasil – Encontros com a História. V.1. São Paulo, Editora do Brasil, 1996.
- RIBEIRO, Vanise & ANASTÁCIA, Carla. Brasil – Encontros com a História. V.2. São Paulo, Editora do Brasil, 1996.
- RIBEIRO, Vanise & ANASTÁCIA, Carla. Brasil – Encontros com a História. V.3. São Paulo, Editora do Brasil, 1996.
- RICCI, Cláudia Sapag & SANTOS, Lorene dos. Brasil de Todas as gentes – Coleção História no dia-a-dia. 4ª série, 2.ed, Belo Horizonte, Formato, 2004.
- RODRIGUE, Joelza Ester. História em Documento – Imagem e texto – 7ª série. São Paulo, FTD, 2002.
- RODRIGUE, Joelza Ester. História em Documento – Imagem e texto – 8ª série. São Paulo, FTD, 2002.
- SAMPAIO. Francisco Coelho. Conversando sobre História – 1ª série. Curitiba, Positivo, 2004.
- SAMPAIO. Francisco Coelho. Conversando sobre História – 2ª série. Curitiba, Positivo, 2004.
- SANTIAGO, Pedro. Por dentro da História. 7ª série. São Paulo, escala educacional, 2006.
- SANTIAGO, Pedro. Por dentro da História. 8ª série. São Paulo, escala educacional, 2006.
- SCHMIDT, Dora. Historiar – Fazendo, contando e narrando a História. - 6ª série. São Paulo, Scipione, 2002.
- SCHMIDT, Dora. Historiar – Fazendo, contando e narrando a História. - 7ª série. São Paulo, Scipione, 2002.
- SCHMIDT, Mario. Nova História Crítica. Ensino Médio, V. Único. São Paulo, Nova Geração, 2007.
- SILVA, Francisco de Assis. História Século XX: a caminho do terceiro milênio. 8ª série. São Paulo, Moderna, 2001.
- TEIXEIRA. Francisco M.P. & CHIANCA, Rosaly Braga. História – 3ª série. 2. ed, São Paulo, Ática, 2006.
- TEIXEIRA. Francisco M.P. & CHIANCA, Rosaly Braga. História – 4ª série. 2. ed, São Paulo, Ática, 2006.
- VESENTINI, J. William; MARTINS, Dora; PÉCORRA, Marlene. Aprendendo Sempre História 2º

ano. São Paulo, Ática, 2009.

VESENTINI, J. William; MARTINS, Dora; PÉCORRA, Marlene. Aprendendo Sempre História 4º ano. São Paulo, Ática, 2009.

VESENTINI, J. William; MARTINS, Dora; PÉCORRA, Marlene. História 3ª série. São Paulo, Ática, 2003.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa, 1981.

sites:

BUARQUE, Chico & LOBO, Edu. Dr. Getúlio. In: http://www.letras.com.br/autor/Chico_Buarque - acessado em 10/02/2010.

MORAES, Vinícius & LIRA, Carlos. Pau-de-arara. In: http://natura.di.uminho.pt/~jj/musica/html/zeliaduarte_06.htm. - Acessado em 02/03/2010

Filmes:

INDEPENDÊNCIA ou morte. Direção e Roteiro: Carlos Coimbra. Produção: Cinedistri, Brasil, 1972. 1 DVD (108 min).